

**CAROLINA MARIA DE JESUS: VOZ E ESCRITA DECOLONIAL QUE REESCREVEM A FAVELA, NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*, (1960)**

Macksa Raquel Gomes Soares<sup>1</sup>  
Déborah Alves Miranda<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo parte da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus para discutir a escrita periférica, feminina e decolonial da referida autora, visto que esta produz discursos que revalidam sua subjetividade e identidade, ao mesmo tempo que, reivindicam seu lugar de escrita, de voz dentro da academia e igualmente rompem com as amarras da ferida colonial que desumaniza os corpos. Partindo dessa perspectiva, alguns aportes teóricos são importantes para estabelecer este diálogo como, Bell Hooks (2019), Djamila Ribeiro (2019), Grada Kilomba (2019), María Lugones (2014), dentre outras/os aqui referenciados. O diário descrito pela autora traz ao bojo algumas problemáticas, dentre estas, a dor da fome, as desigualdades do povo miserável da favela do Canindé, em São Paulo. Uma escrita literária que rasura e promove novos olhares e perspectivas ao cânone brasileiro.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus; Quarto de Despejo; Escrita periférica; Escrita decolonial; Literatura feminina.

**ABSTRACT:** This study starts from the book *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), by Carolina Maria de Jesus to discuss the peripheral, feminine and decolonial writing of the aforementioned author, since she produces discourses that revalidate her subjectivity and identity, at the same time who claim their place of writing, of voice within the academy and also break with the bonds of the colonial wound that dehumanizes bodies. From this perspective, some theoretical contributions are important to establish this dialogue, such as Bell Hooks (2019), Djamila Ribeiro (2019), Grada Kilomba (2019), María Lugones (2014), among others referenced here. The diary described by the author brings up some problems, among them, the pain of hunger, the inequalities of the miserable people of the Canindé favela, in São Paulo. A literary writing that erases and promotes new looks and perspectives to the Brazilian canon.

**Keywords:** Carolina Maria de Jesus. Quarto de Despejo. Peripheral writing. Decolonial writing. Women's Literature.

## Introdução

A escrita literária desdobra-se como uma ferramenta daquilo que Maurice Blanchot (2011) chama de “interminável, incessante.” Nessa tessitura de solicitude contínua, a escrita por um viés feminino surge neste processo de entrega, de afeto, são Engasgos que a literatura faz libertar, são gritos que podem ser escoados por meio desta. É, deste modo, umas das funções peculiares dessa linguagem. “Escrever é fazer-se eco do que não pode parar de falar” (BLANCHOT, 2011, p. 18).

---

<sup>1</sup> Email: macksasoaes32@gmail.com

<sup>2</sup> Email: deborah.alves79@gmail.com

Nesse espaço, a mulher literata consegue transpor-se para além do não-lugar e fazer dele seu ambiente de (re)construção, revalidação da subjetividade numa perspectiva de conhecer-se para transformar-se, principalmente da urgência em soltar a voz para poder sentir-se viva. Desta maneira, Carolina Maria de Jesus constrói um lugar específico e pioneiro de escrita, cheio de personalidade.

Numa perspectiva de escrita feminina produzidas por *corpus* negros, constituída por mulheres negras é relevante entender quais as máscaras que, por meio desses textos, estão sendo desveladas, vozes, outrora silenciadas, agora ganham força para romper paradigmas. A partir desse tear, surge a escrita Carolina Maria de Jesus, favelada, negra, mãe, valendo-se da literatura para reinventar o lugar marginal, cuja sobrevivência dolorosa na favela é pulverizada com beleza e sensibilidade. Carolina de Jesus tinha uma cristalina consciência do não-lugar literário hegemônico e por isso mesmo rompe, escrevendo de dentro da favela sobre a favela, na voz de uma mulher negra.

Esse não-lugar, agora lugar de fala que, embora historicamente condicionada por ser marginalizada, permite a autora- personagem vislumbrar a favela de um prisma construindo assim sua transcendência, a perspicácia de dizer-se. “Durante toda a formação da literatura brasileira existiram negros desejosos de falar de si” (EVARISTO, 2009, p. 23).

Nessa construção de pontes, Carolina Maria de Jesus a partir obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), descobre-se poeta que narra alicerçada em suas vivências e, por extensão, interpela a vida dos seus pares, compreendendo as mulheres negras, os vizinhos favelados, os pobres, enfim, os que são atravessados pela literatura caroliana num viés político e social que humaniza quem a lê.

Igualmente, Carolina teoriza aspectos como o tempo, o lugar pelo qual escreve: “Fechei a porta e fui vender latas. Levei os meninos. O dia está cálido e eu gosto que eles receba os raios solares. Que suplício! Carregar Vera e levar o saco na cabeça” (JESUS, 2013, p. 19).

Destarte, Carolina Maria de Jesus traz a narrativa marcada pela subjetividade gerada, experimentada, vivenciada a partir dessa condição social de homens e mulheres na sociedade brasileira caracterizando o fazer literário. “Sob o olhar de muitos— uma instituição marcada, preponderantemente, pela presença masculina e branca” (EVARISTO, 2009, p. 28).

Negra, mulher, migrante de Sacramento, no Triângulo Mineiro, em 1947, mãe solteira, moradora da primeira favela na cidade de São Paulo, Canindé. Carolina Maria de Jesus emergiu do anonimato absoluto quando resolveu escrever em diários encardidos encontrados no lixo sobre seu cotidiano favelado.

Saí de casa e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo do São Paulo, Várias pessoas saíam do campo. Todas brancas, só um preto.

{...}—Você era para estar residindo numa casa própria. Porque a sua vida rodou igual a minha?

— Ela disse: a única coisa que você sabe fazer é catar papel.

Eu disse:

— Cato papel. Estou provando como vivo!

Estou residindo na favela {...} (JESUS, 2013, p. 14; 20).

A obra narra as desventuras de uma mulher preta que busca sobreviver a todas as agruras e cruzeiras de uma favela, a narrativa conta, sobretudo, a vida da catadora de papel, de palavras e a amargura de estar sempre à margem mesmo após ascender como escritora, de aparição à sociedade burguesa, transformando-se assim em artigo de luxo, de consumo.

Por gostar de ler, Carolina de Jesus registrava as alegrias, os pensamentos, as tristezas, as casas, as ruas da favela enquanto trabalhava catando papel. Nessa conjuntura, brincava com as palavras, reinventava-as e fazia poesia para sonhar outros lugares e em outros lugares. De acordo com Elzira Divina Perpétua (2003), Carolina possuía uma “força expressiva na linguagem” (PERPETUA, 2003, p. 63).

A força da linguagem de Carolina de Jesus está na produção desse texto carregado de significados, cuja autora descreve o social, como vivem os favelados. O dia a dia com os filhos e as lutas que travava por ser negra, ao mesmo tempo não se reconhecia como parte da favela, mas pertencente de uma classe superior, daqueles que sabiam ler e escrever. “Aqui todos imprecam comigo... Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo” (JESUS, 2013, p. 22).

“Carolina que nasce das páginas do seu livro é bastante eficaz para mostrar aos vizinhos a diferença que separa um artista de um punhado de favelados sem eira nem beira” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 7). A escrita tem a função de altear Carolina da condição de favelada. Ao erguer os olhos para o horizonte além dos excrementos, a autora rasura o lugar de forasteira, de não pertencente, de submissa.

Diante disso, nosso principal objetivo neste artigo é discutir a escrita periférica, feminina e decolonial na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960) tendo em vista que Carolina de Jesus tinha um projeto literário, porque sabia que não queria catar papel a vida inteira, mas sim catar palavras. “Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (JESUS, 2013, p. 24).

Ao dizer, “eu gosto de ficar dentro de casa, com as portas fechadas ... Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo” (JESUS, 2013, p. 25), Carolina de Jesus paradoxalmente olha para dentro para se perceber fora do lugar da favela, visto que tinha um esboço, estilo literário, embora fugisse da norma padronizada, o que não invalida em nenhum aspecto sua escrita, fez artesanato com as palavras. Carolina de Jesus tem fome do sentido da vida, errância de perceber-se viva, por isso escreve, uma fome de arte que democratiza a vida da autora. Embora convivesse o tempo todo com a morte, mas com a leveza da linguagem artística a sobrepõe, imortalizada Carolina sobrevive ao lixo.

Como suporte teórico para as discussões aqui apresentadas, utilizaremos os estudos de Bell Hooks (2019), Djamilia Ribeiro (2019), Grada Kilomba (2019), María Lugones (2014), dentre outras/os.

## 1. Escrita Periférica: Carolina de Jesus desvelando os quartos de despejos

Num período histórico entre a saída do Estado Novo e a instalação da ditadura militar no Brasil (1964), Carolina Maria de Jesus aparece com uma escrita desconcertante. O diário que revisita a sua história de pobreza material e social promove discussões no cenário político e de modernização pelo qual passava o país.

Os meninos estão nervosos por não ter o que comer. O que eu aviso aos pretendentes a política é que o povo não tolera fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la... Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Adhemar<sup>3</sup> e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos (JESUS, 2013, p. 28, 29- 33).

Neste sentido, é relevante destacar que a partir desse contexto ditatorial vivenciado pelo Brasil, as produções de ficção brasileira, precipuamente a urbana refletem um país industrializando-se, ou seja, uma literatura que constrói seus personagens emergidos em centros deteriorados, sob uma nova perspectiva, a escrita fundamenta-se internamente entre favela/ centro/ favela/ asfalto, cuja violência é protagonista. “Daí vem um novo par de oposição da nossa literatura, não mais fundada na oposição campo e cidade. Essa cisão é o lado mais “sombrio” dessa sociedade que quer se modernizar” (SILVA, 2016, p. 2).

Nesse processo de pseudo “cortinação” do profícuo desenvolvimento social e político que o Brasil quer transparecer ao mundo, a leitura de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) torna-se importante, uma vez que nos faz questionar qual o nosso lugar (ou se há um lugar?) e qual poder temos para transformá-lo?

A escrita caroliana nos ajuda a entender de quais armaduras devemos nos revestir para lutar/ resistir contra uma sociedade opressora num país que insiste no querer silenciar a história das/os negras/ os estes que compõem a maioria desta nação. É a necessidade de uma população machista e sexista de descaracterizar a importância dos caminhos dantes traçados daqueles que exalam ancestralidade, história, sobretudo a violência de ser a maioria invisível perante uma sociedade que ainda não aprendera a relevância do Outro. Aqui também nos deparamos com um conceito caro à Antropologia, porque ela se funda buscando compreender esse tal Outro para a construção de Si.

Enquanto mulher negra Carolina Maria de Jesus experimenta o *locus* da perversidade do racismo, atitudes sexistas, arguições que só poderão ser alimentadas com propriedade por *corpus* negros. Reflexões que trazem à baila questões pontuais sobre grupos historicamente violentados de maneira contínua e cruel. Entender Carolina de Jesus, o significado e relevância dessa escrita é também desmitificar uma ideia de Brasil que não confere à realidade, país que democratiza a prática racial, que relativiza atos ditatoriais.

---

<sup>3</sup> Adhemar Pereira de Barros, governador de São Paulo no período de 1963 a 1966.

Meihs (1998) aponta que Carolina Maria de Jesus torna-se um irrefutável flagrante das atrocidades daquela época que deveriam vir a público, pois o país que exalava democracia implicava críticas. Um diário sobre gente pobre, favelados expunha o coletivo “uma chaga feia, atestado das falhas de um programa social, encetados por governos federais em nome da modernização” (MEIHY, 1998, p. 87).

Com isso, a tessitura da escrita de Carolina Maria de Jesus na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* vai descortinando esse lugar de outridade na qual os corpos subalternizados estão situados historicamente pela ferida colonial que invisibiliza, animaliza os seres, sobretudo, os racializados. Carolina de Jesus escreve a partir de suas memórias de dor para construir sua identidade, ao mesmo tempo, denuncia realidades violentas que atravessam essas vozes periféricas. A obra de Carolina Maria de Jesus descoloniza os espaços de poder.

Nesse arranjo de descortinar-se, Carolina Maria de Jesus aprende a reconhecer suas subjetividades, de ser enxergada como escritora “que tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável” (EVARISTO, 2009, p. 28). Outrossim, Carolina Maria de Jesus vai desenhando sua obra e a importância desta como vozes que ecoam dentro e fora da academia.

O texto caroliano permite ainda análises críticas voltadas para o social em que a literatura periférica propõe quando denuncia as mazelas experienciadas por um povo. São, deste modo, aspectos que influenciam diretamente na obra *Quarto de despejo* não somente como característica peculiar, acima de tudo, como elementos que constituem a escrita e seu tecido literário. Assim como compreender sobre esse *corpus* negro que escreve e experiencia o texto, sobre o bojo de uma escrita sôfrega de contar-se.

Personagens como Carolina Maria de Jesus em meio ao processo de modernização, manifestações culturais e políticas pertinentes ao período tornaram-se alvo de pesquisas importantes jornalísticas brasileiras, a exemplo de Audálio Dantas e Nelson Rodrigues, a fim de documentarem as transformações pelas quais passavam este país, surgem como percursos que buscavam “patologias”, anormalidades urbanas nesse painel de extrema pobreza. Neste contexto, Carolina Maria de Jesus e seus restos de cadernos com folhas soltas tornam-se “troféus” patenteados dos dejetos favelados.

*Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960) é uma obra, cujo título já amplia nossas perspectivas sobre o Brasil e as divisões de classes, gênero e raça. Literatura que surge deslustrando o tradicionalismo literário e linguísticos com seus discursos agramaticados, sua subalternidade, sobretudo, o atrevimento com tons reivindicatórios por ser quem é.

## **2. Carolina Maria de Jesus: voz feminina e decolonial reescrevendo a favela**

A escrita de mulheres negras perpassa por um longo processo de resistência e de sobrevivência. São passos que vêm de muito longe. Partindo do pressuposto de uma cultura eurocêntrica, sexista, igualmente racista, alinhada às bases estruturadas e científicas, ser mulher é um desafio violento e sangrento. Tomando a obra *Quarto de Despejo* como objeto literário,

social e político neste estudo, é importante salientar que Carolina Maria de Jesus ao escrever, adorna-se ao seu *corpus* de mulher negra, de catadora de lixo muito fortemente marcado na escrita, sobretudo, em suas vivências. Carolina retoma a sensibilidade de ser sozinha, em vários aspectos na obra, mas recorre a esse discurso e a condição disto para impor respeito, sem, no entanto, romantizar-se.

O texto de Carolina de Jesus desperta para vários vieses sintomáticos no que concerne à fala política, à condição do povo negro, ao mesmo tempo que toca em temas estruturantes de uma nação genuinamente colonial.

13 de maio

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É dia da abolição. Dia que comemoramos dia da libertação dos escravos.

... Nas prisões os negros eram bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Continua chovendo. Eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim mandei os meninos para escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça.

... Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: — Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu perdi o hábito de sorrir (JESUS, 2003, p 30).

Escrever para a catadora de papel é transformar o mundo que é muito extenso, em alguma coisa que caiba na boca, que sirva especialmente ao alcance das mãos, de olhos que a enxergassem dentro da favela. É visceral para Carolina. Chove, não tem comida, não poder sair para vender ferros, os filhos estão para escola, mas ela escreve. Escrever para ela é tudo. O trecho evidencia conjuntamente sobre a consciência da autora acerca da estrutura histórica na qual os negros estão situados, assim como a ironia desconcertante ao clamar que as barreiras do racismo e as diferenças de classes sejam rompidas.

O poder de uma subalterna oportunizada a falar e ser ouvida enquanto negra é rebeldia, seria, para tanto, “descolonizar” a prática da escrita, como esclarece Grada Kilomba (2019). Uma atividade de fazer do objeto, sujeito, centro de suas vivências.

Essa passagem de *objeto* a *sujeito* é o que marca a escrita como um ato político. Além disso, escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a / o escritor validada/o e legitimada/o e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou se quer fora nomeada (KILOMBA, 2019, p. 28).

Carolina de Jesus ganha um condão para falar no momento que resolve sair do lugar de fora, visto que estar de fora sempre foi a condição social e política desta. Olhar agora de dentro reverbera em Carolina de Jesus o status de escritora subversiva que empodera-se e poetiza o mundo da favela, sobretudo, o seu lugar de voz.

A autora do diário, acima de tudo, discute a partir das suas escrituras, aspectos de como sobreviver em meio ao lixo, conjunturas em que estão relegadas às mulheres negras deste país. Assim, a literatura vai operacionalizando lugares com diálogos urgentes tais como as condições violentas, feminismos, ancestralidade, subjetividades, memórias, especialmente, a relação íntima com o mundo. Importante assinalar que já são práticas cujas mulheres sempre gestaram com sensibilidade, ainda que fora do cânone.

*Quarto de Despejo* entoa esses discursos sobre gêneros, classe e diásporas negras, porque operacionaliza o lugar da favela, constrói versos e sacraliza temas tão fortemente debatidos hoje. O poder feminino de Carolina de Jesus através da literatura nos faz retomar a ideia que nossos passos são longínquos, mas frutíferos.

Considerando a escrita literária como plural, os discursos feministas surgem como forma de entendermos esses processos históricos e contemporâneos pelos quais passam as mulheres, sobretudo, as negras. O diário de Carolina de Jesus nos faz refletir sobre o significado de resistência, raça e classe. Favelada, mas com fôlego para escrever memórias e subjetividades. Ela reconhece-se como mulher que trava lutas diárias. “Mas eu sou forte! Não deixo nada impressionar-me profundamente. Não me abato” (JESUS, 2013, p.21).

Em todo seu diário, aparece uma Carolina de Jesus tentando equilibrar-se na vida miserável da favela, em que violências como o racismo, as questões de gênero e classe aparecem de forma desoladora, mas a autora nos mostra como as mulheres, acima de tudo as negras podem construir armas, muralhas ao redor de si e dos outros para que a vida, os afetos sejam preservados. Desta maneira, Carolina de Jesus reconstrói memórias dantes vividas por negras no período da escravidão.

“Sou favelada, sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (JESUS, 2003, p.37). Carolina de Jesus reconhece que para a sociedade ela não tem valor, relegada ao lixo, às sobras humanas, a catadora de papel se ver fora do contexto de privilégios. Carolina, desta maneira reproduz um padrão de vida comuns às pessoas negras em tempos de escravidão. “O sistema escravista definia o povo negro como propriedade” (DAVIS, 2016, p.17).

Carolina de Jesus autentifica sobre as relações sociais opressivas, onde o sistema patriarcal ostenta sua bandeira dominadora. Visto isto, quando criança seu desejo era ser menino, como sugere no trecho:

... Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para minha mãe:

— Por que a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

— Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem. Quando o arco íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Eu cançava e chorava.

— O arco-íris foge de mim.

... Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares dos pobres e dos marginais (JESUS, 2013, p. 53-54).

Ao perceber que não havia igualdade entre gêneros, com o desejo de ser percebida, de comandar, de pertencer a algum lugar, Carolina sonhava com a inversão de papéis historicamente estruturados. Intencionava, no entanto, participar do grupo dominante, não para participar de uma corrente opressora, mas para buscar melhorias aos seus pares igualmente miseráveis.

Ao referir-se “O arco-íris foge de mim” Carolina metaforiza o engajamento enquanto corpo feminino negro, foge de mim a garantias de direitos iguais às mulheres brancas, foge de mim o privilégio de andar sozinha sem ser acometida por atos violentos. Foge-nos, enquanto Carolinas, o poder de sermos livres e para que isso ocorra precisamos caminhar sem ter medo.

Assim, a obra deixa claro os efeitos do domínio colonial, uma ferida histórica, a partir do contexto social e no corpo de quem escreve. Representa, neste sentido, a colonialidade em sua forma genuína de opressão contemporânea, ou seja, marcas de um poder opressor que não mudam com o passar dos anos, sobretudo em relação ao gênero. Para Lugones, (2014, p. 939), “a colonialidade de gênero ainda está conosco; é o que permanece na intersecção de gênero/raça/classe como construtos centrais do sistema capitalista mundial.”

Segundo María Lugones (2014), o termo colonialidade designa não somente uma classificação de povos no que se refere ao poder e gênero, mas amplamente acerca de um processo desumanizador e classificatório dos sujeitos que são marcados por esse recorte histórico colonial, ou seja, “um processo de redução ativa das pessoas, a desumanização que as torna aptas para classificação, um processo de sujeitificação e a investida de tornar o/a colonizado/a menos que seres humanos” (LUGONES, 2014, p. 939).

Nesse sentido, é relevante ratificarmos que não podemos entender de forma análoga processos históricos, sociais tão diversos sendo, para assim entender em quais lugares estamos situados e considerando quais poderes são atribuídos aos subalternizados e que tentam romper as máscaras que nos são impostas historicamente.

Carolina de Jesus quando percebe-se rebotalho corrobora essa condição de estar politicamente e socialmente com sua subjetividade inutilizada. Ainda assim escreve como alento às mazelas diárias, esse refugio é sinônimo do sujeito negro.

Desse modo, Carolina retoma o lugar de fala de por meio de discursos pontuais sobre sua conjuntura de mulher, mãe, sobretudo, literata. Assim são refletidos temas sobre os riscos que são assumidos quando recorremos ao ato da fala, ou seja, historicamente fomos, enquanto *corpus* negro, infantilizados, terceirizados, porque não tínhamos fala própria.

A expressão lugar de fala faz alusão e coloca em questão a autorização do discurso como instrumento político. O condão de quem tem o poder de falar ou não é definido também pela dinâmica complexa de raça, classe e gênero, uma vez que numa sociedade com raízes fortes colonizadoras há um sistema de opressores que consideram as posições hierárquicas onde homens e mulheres brancas exercem a supremacia sobre o povo preto.



Esta estrutura impõe que as/ os negras/ os não são dignos da realeza estão de fora dos ciclos de privilégios. O não pertencimento nos equaliza aos plebeus, nos inferioriza, na contramão o corpo branco está em seu devido lugar. “O racismo se constitui como a ciência da superioridade eurocristã (branca e patriarcal). Essa reflexão, que nos dá uma pista sobre quem pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são” (RIBEIRO, 2019, p.24).

A localização social enquanto negro não nos permite “erguer a voz, agarrá-la e trazê-la para perto.” (HOOKS, 2019 p.20), ou seja, a transcendência do silêncio à fala é para aqueles que levantam-se em meio à opressão, à colonização, à exploração, um desafio para os que andam juntos, porque possibilita um novo ciclo, um novo crescimento, uma vez que não são só palavras desguarnecidas, mas expressões da passagem de objetos a sujeitos.

Esse ciclo colonizador dominante não pode ser paralisante. As falas produzidas por grupos insurgentes configuram-se lugares de múltiplos olhares para o mundo, potentes para sermos resistentes. Estar ausente como sujeito, inutilizada por um círculo opressor que não aquiesce um lugar para articulação ou ampliação dessa voz.

Dentro desse projeto de colonização, quem foram os sujeitos autorizados a falar? O medo imposto por aqueles que construíram máscaras serve para impor limites aos que foram silenciados? Falar, muitas vezes, implica receber castigos e represálias, e justamente por isso, muitas vezes prefere-se concordar com o discurso hegemônico como modo de sobrevivência? E, se falarmos, podemos falar sobre tudo ou somente sobre o que nos é permitido falar? (RIBEIRO, 2019, p.77).

Dessarte, a aquiescência dessas vozes negras está diretamente ligada à raça, classe e gênero. O não pertencer a certos grupos de privilégios nega à negra/o acessibilidade de forma justa e isonômica aos espaços das universidades, da política, das academias, ou seja, aos mundos que são genuinamente dos grupos socialmente organizados, idealizados. O estar do lado de fora acarreta a impossibilidade de fala, porque quem não existe não tem voz. A subalternidade é a não existência, é não pertencer a lugar nenhum e esta não é só vivência da/o negra/ a pobre, mas dos grupos que participam dessa localização social, é não estar no centro, relegado à condição de forasteiro.

Com a fala terceirizada, os brancos tornam-se teoricamente especialistas em demandas dessa classe, enquanto que a vivência do sujeito negro é desqualificada. “De ambos os modos somos capturadas/os em uma ordem violenta colonial” (KILOMBA, 2019, p.51).

Nesse sentido, a academia torna-se um lugar que propaga também a violência. Há uma herança colonial hierárquica que demarca quem tem o poder científico e social ou não. O que encontramos nas academias não é uma verdade objetiva científica, mas sim o resultado de relações desiguais cujo poder de raça impera.

Nesse contexto, a escrita de Carolina Maria de Jesus como um exemplo consistente para entendermos sobre os discursos que são validados pelo cânone dependem do emissor e em qual

lugar este está situado, uma vez que a autora possui conhecimento teórico e, desse modo, torna-se a sua primeira obra um documento sociológico e literário que reescreve o conhecimento sobre um recorte de vida inimagináveis de algumas pessoas, neste caso, os favelados.

Escreve suas memórias por meio de uma voz e corpo negro, ainda que mesmo com o sucesso da obra esta tenha sido silenciada pelo cânone, Carolina ergue-se e torna-se porta-voz da favela por ecoar narrativas que versam sobre a vida dos pobres, dos negros e negras, que assim como ela vão esvaindo-se pela miserabilidade da realidade existente.

Num lugar onde as raízes são eurocêntricas e que desconsidera as vivências, caracterizando-as como específicas, subjetivas e parciais o bastante para serem legítimas. Carolina de Jesus, como negra não é digna de estar na sala de visitas da academia, como ela mesmo sinaliza em seu diário, por ser considerada como exótica, por ser marginal. Estamos lidando, deste modo com uma relação estreita e violenta de poder que determina a implementação da própria voz.

A fala da mulher negra favelada desestabiliza o falso discurso de liberdade acadêmica. Bell Hooks (2019) ratifica que evoca-se sobre liberdade nas academias no intuito de desviar a atenção sobre a verdadeira situação no qual o processo educacional não é acessível a todos, muito menos neutro o conhecimento é utilizado para perpetuação de correntes opressivas.

Deste olhar, Carolina de Jesus ao ser silenciada pela academia é convidada a se retirar do lugar que não é seu. Do lugar não-apropriado, nas margens ou em sua atividade diária de catadora de papel que seria propício. Pertencer aos mundos dos despejos, objetificada, estrangeira. Sua escrita aparece como uma contravenção do poder colonizador. A intelectual negra esteve sempre no viés do contraste, agora subversiva.

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vinha pedindo. Por que eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama às margens do Rio Tietê (JESUS,2013, p. 39).

No trecho Carolina de Jesus demarca o espaço entre a favela e a cidade. O sonho da autora é viver na cidade, lugar que caracteriza como um espaço de conquistas, de exercícios de direitos, de cidadania. É deixar de ser rebotinho, para ser enxergado como pessoa, como voz.

Ser ouvida para Carolina de Jesus é um ato político, por vezes infértil, baseando-se nos galhos da árvore do racismo, mas a vontade de ser ouvida amplia a capacidade literária desta. O medo e a fome não a paralisam, mas faz dela transgressora do academicismo. Para tanto um processo libertador e inevitável, como esclarece Bell Hooks (2019):

Pelo medo de nossas palavras não serem ouvidas nem bem-vindas encontrar a voz é um ato de resistências. Falar se torna uma forma desse engajar em uma

autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma em sujeito. Apenas como sujeitos podemos falar. Como objetos permanecemos sem voz e nossos seres, definidos e interpretados pelos outros (HOOKS, 2019, p.45).

Toda vez que uma mulher começa a escrever e/ou falar dá início a um ciclo transformador. Neste sentido, cria uma “identidade-escritora” porque sabe o valor que seus escritos têm em sua vida e na dos seus pares. Sempre soube que alguém por fim leria seu diário. Usava-o como instrumento de rebeldia, de denúncia, de empoderamento. “Vou colocar você no meu diário!” (JESUS, 2013, p. 22).

### **Considerações Finais**

A literatura não pode ser equânime, neutra, mas também um espaço de reverberação, de promover diálogos possíveis para fazer refletir a realidade que estamos inseridos, assim a escrita caroliana produz mudanças em ambientes os quais as heranças coloniais, brancas, opressivas atravessam os corpos dos povos racializados, sobretudo as mulheres negras.

A obra pulsante de Carolina Maria de Jesus discutida neste estudo nos dá a dimensão de realidades subalternizadas, silenciadas que erguem suas vozes e insurgem contra essas violências. Ler *Quarto de Despejo* e esperar dias mais amenos e ainda perceber que discursos produzidos por mulheres negras dentro da academia é possível.

Essas transgressões constroem vozes polifônicas reivindicaram sobre este estudo uma escrita pautada em ampliações de pensamentos e especialmente o olhar para dentro e igualmente ao mundo.

Nessas costuras de subjetividades e memórias o objeto da escrita da autora Carolina Maria de Jesus, mulher negra, moradora da favela que reinventa o mundo das letras quando olha para si e para o outro, ao mesmo tempo que escreve para transformar, cujas narrativas buscam identidade dentro de uma sociedade que a ojeriza pelo tom de pele, pela condição feminina. “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros” (POLLAK, 1992, p. 4).

Deste modo, o estudo parte de pressupostos da escrita da Carolina de Jesus que constrói identidade de mulher negra que escreve para sobreviver às agruras da favela, Carolina mãe, catadora de papel e escritora. É deste modo, a tessitura constituída pela autora nesse processo escritura. “Carolina era envolta por papéis, papéis que queimavam para aquecer a casa no inverno, papéis que abrigavam sua escrita” (SURIAN, 2009, p. 43).

Igualmente Carolina de Jesus em sua obra permeia a interseccionalidade de opressões pelas quais passam os marginalizados, sobretudo negras, ampliando as discussões à despeito da raça, gênero, classe e processo da colonização, assim como a importância destas intervenções literárias, políticas e sociais, visando entender, refletir para combater a origem dessas violências que acometem o *corpus* racializado.

Neste sentido, este estudo explora a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus, texto literário que é construído pelas fabulações desse objeto da escrita no qual a autora conta sobre o dia a dia dos favelados, as brigas, a sua lida em catar papel. “Logicamente, *Quarto de Despejo*, lançado em 1960, irrompeu como um cometa radiante riscando o céu tismado de figuras populares como escritoras” (MEIHY, 2004, p. 20).

Imbuída nesta busca de vozes, esta pesquisa perpassa e reflete igualmente quanto à construção literária afrodescendente a partir do *locus* de uma diáspora negra. Desta maneira, é válido destacar que a Literatura Afro-brasileira é um poderoso e importante instrumento de resistência na composição literária e social, além de uma relevante ferramenta artística para contar a história das negras e negros neste país.

## Referências

- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**; Tradução Álvaro Cabral. – Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. Letras de Hoje**. Acesso em Dez/ 2021 <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/4110/3112>. 2007.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem, 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365> Acesso em 10 de set. de 2020.
- HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.
- JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Abril Educação, 2013.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira- 1ª edição – Cobogó, 2019.
- LUGONES, María. Rumo ao um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, 2014, vol 22, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/index>. Acesso em out, 2020.
- MEIHY, José Carlos Bom Sebe. Carolina Maria de Jesus: o emblema do silêncio. **Revista USP**, São Paulo (37): 82-91 Março/ Maio 1998. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-=&>. Acesso em 20 jun. 2022.
- MEIHY, José Carlos Sebe. Os fios dos desafios: o retrato de Carolina de Jesus no presente. **In Arte do corpo: memórias afro-brasileira**, 2002, pp. 15-53. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt> . Acesso em abril de 2022.
- PÉRPETUA, Elvira. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 22, p. 63-83, 19 de jan. 2003. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8944>. Acesso em set. de 2022.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, v. 5, n. 10. Teoria e História. FBB/FGV, 1992. Disponível em [bibliotecadigital.fgv.br](http://bibliotecadigital.fgv.br) Acesso em 20 de fev. de 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SILVA, Eliane da Conceição. **A violência social brasileira na obra de Carolina Maria de Jesus**. 2016- 214f. Tese (doutorado). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista. Araquara-SP. Acesso em 02- 03- 2019. Disponível em:  
[http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/ciencias\\_sociais/4127.pdf](http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/ciencias_sociais/4127.pdf).

SURIAN, Taís. **Um estudo das práticas da escrita de mulheres (escritoras ou não)**. 145 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009.